
A biblioteca (in)visível

The (in)visible library

Fernando Curopos

Sorbonne Nouvelle – CREPAL

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n50a536>

RESUMO

Apesar de ter havido uma rica e diversificada literatura licenciosa em Portugal no século XIX e início do século XX, um valioso arquivo para a história da vida privada dos portugueses e das portuguesas, além de esse material constituir uma importante documentação sobre os mecanismos de resistência contra os valores burgueses e heteropatriarcais, essa produção permanece invisível e ainda por estudar, pelo menos em Portugal. Pois, no que diz respeito à história da literatura portuguesa, continua a imperar a ideia de que “é pobre a expressão literária do erótico entre nós.”

PALAVRAS-CHAVE: Erotismo; pornografia; literatura oitocentista; Arsénio de Chatenay.

ABSTRACT

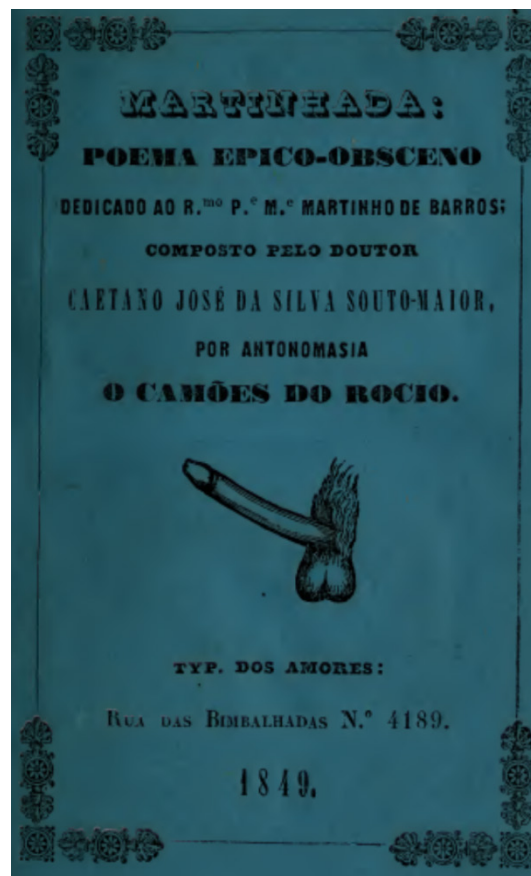
Although there was a rich and diverse licentious literature in Portugal in the 19th and early 20th centuries, a valuable archive for the history of the private life of the Portuguese men and women, in addition to this material constituting an important documentation on the mechanisms of resistance against the bourgeois and heteropatriarchal values, this production remains invisible and yet to be studied, at least in Portugal. Because, with regard to the history of Portuguese literature, the idea continues to prevail that “the literary expression of the erotic among us is poor.”

KEYWORDS: Eroticism; pornography; nineteenth-century literature; Arsénio de Chatenay.

Ao estabelecer a censura das publicações impressas em Portugal em 1536, o Tribunal do Santo Ofício restringiu de maneira duradoura qualquer impulso licencioso nas letras portuguesas no momento exato em que nascia a “pornografia moderna” (Hunt, 1996). Desde então, e até a abolição da Real Mesa Censória em 1821, raros foram os autores a ousarem enveredar pelos meandros de Eros. Quando tocavam em tão pecaminoso e melindroso assunto, serviam-se do álibi mitológico, como Camões no episódio da “Ilha dos Amores”. Pois, segundo os decretos do Concílio de Trento, ao qual participou ativamente o censor português Frei Francisco Foreiro (1523-1581), principal redator do índice dos livros proibidos pelo Concílio, ao passo que “Os livros que declaradamente aborda(ava)m, narra(va)m ou ensina(ava)m coisas lascivas ou obscenas est(avam) absolutamente proibidos”, os livros da tradição clássica, “escritos pelos pagãos, devido à sua elegância e qualidade de estilo, (eram) permitidos ¹” (Fidlen, 1996, p. 55). Por conseguinte, Camões aproveitou essa janela aberta para falar de um amor sensual que, conquanto fosse “*Milhor (...) experimentá-lo que julgá-lo*” (Camões, 1994, p. 313), era duramente “julgado” pelos feros censores. Durante todo o período inquisitorial, os autores mais afoitos, como Caetano José da Silva Souto-Maior (1694-1739), autor do célebre poema épico-obsceno *A Martinhada* (Souto-Maior, 1849), tiveram de contentar-se com edições clandestinas das suas obras, manuscritas essencialmente. Esse longo poema anticlerical, escrito no primeiro quartel de Setecentos, só foi dado à estampa em 1814, clandestinamente. Ao que tudo indica, foi a primeira obra licenciosa portuguesa publicada no país (Ventura, 2007, p. 77) e reeditada inúmeras vezes (Figura 1) no século XIX.

¹ Tradução nossa.

Figura 1



Fonte: Capa de *A Martinhada* (Souto-Maior, 1849).

Devido às garras da Inquisição que condenava não só a escrita de obras lascivas, mas também quem as possuísse e quem as vendesse, foi preciso esperar até finais de Setecentos para que surgisse uma verdadeira produção de literatura licenciosa em Portugal. Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805) continua a ser o autor mais conhecido e divulgado, mas não era o único a escrever versos fesceninos. Podemos citar, à guisa de exemplo, os poetas António Lobo de Carvalho (1730-1787) ou Nicolau Tolentino (1740-1811). No entanto, esses autores estavam longe do requinte libertino de Bocage, patente no seu romance epistolar em versos, *Cartas de Olinda e Alzira*, que circulou clandestinamente em cópias manuscritas antes de ser edi-

tado em 1831 (Bocage, 2017, p. 51), já depois da morte do poeta e da abolição da Real Mesa Censória. Antes deste livro, a poesia licenciosa produzida em Portugal era muito mais obscena ou satírica do que erótica, e não é de admirar que, ainda hoje, Bocage seja lembrado como o maior cultor de Eros nas letras lusas.

Se os romances libertinos franceses, conquanto proibidos, circulavam à socapa no país (Marques, 1963, p. 118-206), como deixam claro, aliás, as influências de Bocage (Pires, 2017, p. 19-23), a extinção da Inquisição faz com que o comércio, a tradução e a circulação de obras licenciosas aumentem de maneira prodigiosa. Algumas das mais célebres obras do género começam, então, a serem vertidas para português e não é de estranhar que, na segunda metade de Oitocentos, até por bandas da longínqua Elvas, já circulassem os grandes clássicos da literatura erótica e pornográfica, tal como encenado pelo poeta José Simão Dias (1844-1899) na sua sátira *A Hóstia de Ouro* (1869):

[...] então se o amigo gosta
 D'essa especiaria, vou mostrar-lhe
 Coisa que a tudo excede n'esse género.'
 E aqui fechando o livro, a mão estende
 E extrai de dentro d'um pequeno armário
 Vários tomos dourados, onde avultam
 Da 'Theresa philosopha' o romance
 'A cortina corrida' e o 'Saturnino',
 Faublas, Bocage e os lúbricos eróticos
 De vários mil autores licenciosos
 Enriquecidos de cinzel artístico!
 Logo lhe vai mostrando
 No texto acetinado estampas várias
 Que os desejos acendem tumultuosos (Dias, 1869, p. 70).

O autor desse poema anticlerical juntou ao *Saturnino*, *porteiro dos frades bentos* (1842), adaptação luso-brasileira de *Histoire de D. Bou-*

gre, portier des chartreux (Gervaise de Latouche, 1741), outras obras-primas do gênero que o leitor coevo conhecia pelo menos de nome: *Vida e aventuras do Cavaleiro de Faublas*² (*Les amours du Chevalier de Faublas*, de Louvet de Couvray, 1787-1790), *A cortina corrida, ou a educação da Laura* (*Le rideau levé ou l'éducation de Laure*, conde de Mirabeau, 1786), e o celeberrimo *Teresa Filósofa ou memórias para esclarecer a famosa história do Padre Dirrag com Mademoiselle Eradice* (*Thérèse philosophe, ou mémoires pour servir à l'histoire du Père Dirrag et de Mademoiselle Éradice*, Jean-Baptiste Boyer d'Argent, 1748). O sucesso das traduções de *Thérèse philosophe* e de *Histoire de Dom Bougre, portier des Chartreux*, reeditadas inúmeras vezes ao longo do século XIX e amplamente divulgadas, inclusive no Brasil, revela a apetência do público burguês e da classe média – o único, além dos membros do clero, que sabia ler³ e com meios para comprar livros – por uma literatura erótica com toques anticlericais.

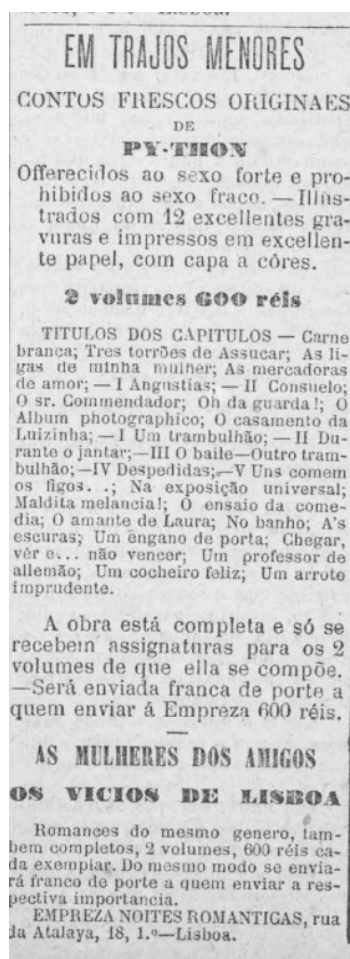
É essa mesma vertente libertina francesa, à mistura com a licenciosidade do renascimento italiano, que inspirou o autor de *Os Serões do Convento*, o maior sucesso da literatura erótica portuguesa do século XIX (Curopos; Lugarinho; Maia, 2018, p. 21-35), publicado por volta de 1860, no maior sigilo, pelo poeta ultrarromântico António Feliciano de Castilho (1800-1875). O mesmo já não aconteceu com as obras de Arsénio de Chatenay (pseudónimo literário de António da Cunha Azevedo Lemos de Castelo-Branco, conde de Pombeiro e marquês de Bellas Leal, 1827-1895?). Com efeito, é com esse autor de “Leituras para

² Conhecemos várias edições em língua portuguesa de *Les Amours du Chevalier de Faublas*, com ou sem estampas. As duas primeiras (1835 e 1836) foram impressas em Paris, na editora Casimir. A primeira edição portuguesa, embora indicando Paris como lugar de impressão, é de 1858-1859, com o título de *Memórias do cavaleiro de Faublas* (6 volumes com ilustrações).

³ Lembremos que, “em 1878, 79,4% dos portugueses maiores de 6 anos residindo no continente do Reino não sabiam ler” (Ramos, 1988, p. 1067).

homens” que elas saem da clandestinidade em 1877, aquando da publicação do seu primeiro romance, *Os Jogos Lésbicos* (Chatenay, 1877)⁴, na editora portuense “Typographia Nacional”. Apesar de escrever sob pseudónimo, o verdadeiro nome do autor circulava na imprensa (Curopos, 2020, p. X-XII) e as suas obras, algumas das quais ilustradas com estampas eróticas de produção portuguesa, eram anunciadas nos jornais coevos, como acontecia com outras obras do género (Figura 2).

Figura 2



Fonte: *O Povo de Aveiro* (1890, p. 4).

⁴ A segunda edição, revista e aumentada pelo autor, foi publicada em 1882 e só reeditada em 2022 (Chatenay, 2022).

Ora, quer Chatenay, quer os editores que imprimiam às claras as suas obras, quer os livreiros que as vendiam nunca foram condenados por ofensa à moral e aos bons costumes, prova cabal de que a produção lasciva vernácula já tinha uma certa aceitação social, embora muitas vezes apelassem a medidas coercitivas para jugular “semelhantes infâmias”:

[...] este comércio infame de literatura pornográfica circula por todo o país e enriquece os que dele vivem, sem que o Governador Civil se lembre de cumprir com os seus deveres, mandando apreender todos os exemplares e mandando meter na cadeia o autor e editor, o impressor e vendedor de semelhantes infâmias (Pina, 1887, p. 291).

O único concorrente português de Chatenay foi Alfredo Gallis (1859-1910), de pseudónimo Rabelais, que se estreou nesse ramo do mercado com um livro de contos, *Volúpias*, publicado em 1886 pela “Typ. Universal de Nogueira & Caceres”, do Porto⁵. Mas, conquanto só aparecesse assinado Rabelais, algumas recensões ao livro nos jornais portugueses desvendavam o nome que se escondia por trás do pseudónimo (Curopos, 2022, p. 8-9) ou davam a entender que se tratava de uma figura conhecida no meio intelectual lisboeta:

Temos aqui outro livro também de contos, mas esse faz parte dos livros que ainda há dez anos, apenas se vendiam clandestinamente, em certas lojas especiais, e de que a polícia, em nome da moral pública, proibia severamente a exibição.

[...] francamente, lamentamos que o autor, que se esconde atrás do pseudónimo do criador de *Pantagruel* e *Gargântua*, não aplicasse

⁵ Note-se que os editores portuenses foram os primeiros a publicarem abertamente obras licenciosas. Aliás, todos os livros de Chatenay, a viver na província, foram editados no Porto, como alguns dos livros de Rabelais, a viver em Lisboa.

num trabalho de outro género mais digno, o seu talento, porque o tem, e os seus recursos de escritor, que são valiosos. [...]

Conhecemos muito Rabelais, temos por ele muita estima, e no seu talento muita confiança, e por isso lhe falamos com esta franqueza rude e profundamente sincera (Lobato, 1886, p. 106).

Como aponta Gervásio Lobato (1850-1895), se até há pouco esses livros “se vendiam clandestinamente, em certas lojas especiais, e de que a polícia, em nome da moral pública, proibia severamente a exibição”, eles ganham em visibilidade e saem definitivamente da clandestinidade, como já era o caso noutros países europeus, mormente na França, país em que a literatura lasciva se tornara uma verdadeira indústria (Stora-Lamarre, 1990). Lobato, ao censurar o autor por escrever “pornografia”, salienta as suas influências gaulesas no que diz respeito tanto ao seu imaginário erótico quanto à escrita em si, o que, diga-se de passagem, mostra o quanto estava a par da produção lasciva francesa:

As *Volúpias* de Rabelais, filiam-se no género pornográfico, posto em voga pelo moderno jornalismo parisiense.

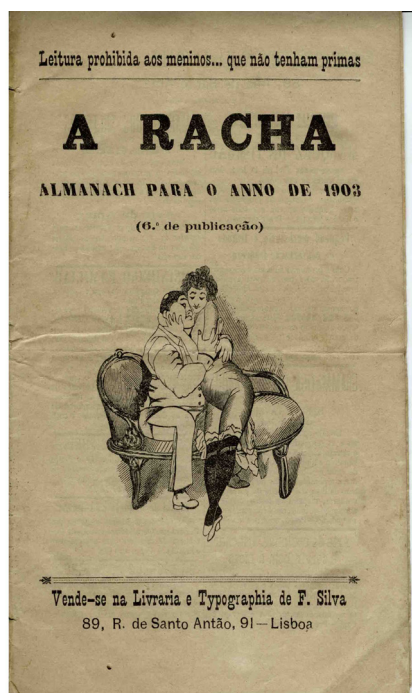
Catulle Mendès e Guy de Maupassant com muito talento, Aurélien Scholl e Pierre Véron, com muito espírito, Richard O'Monroy com menos espírito, René Maizeroy com menos talento, e Armand Silvestre com muito menos de ambas as coisas, fizeram escola infelizmente, e daí a pretexto de *gaieté gauloise*, e de renovação Rabelaisiana um dilúvio de contos obscenos, que fariam corar o bom Paulo de Kock⁶, que no seu tempo tinha má fama entre as pessoas decentes [...] (Lobato, 1886, p. 106).

⁶ Os romances “picantes” de Paul de Kock (1793-1871) foram vendidos em Portugal como “Leitura para homens”, rótulo que aparecia na capa das primeiras edições traduzidas.

A partir do terceiro quartel do século XIX, um leque de revistas francesas, *Le Gaulois*, *Le Frou Frou*, *Gil Blas*, *Journal Amusant* e sobretudo *La Vie Parisienne*, começa a divulgar romances eróticos em folhetim e contos picantes nas suas páginas, alguns dos quais acompanhados por gravuras eróticas, desenhos brejeiros e fototipias.

É na senda lucrativa dessa “papelada (...) toda recheada de mulheres nuas, de historietas sujas, de parisianismo, de erotismo,” (Queirós, 2001, p. 243) e dos “livros lascivos com que a França inunda a Europa” (Chagas, 1874, s.p.), que começa a surgir, em Portugal, uma multitude de coleções de contos e romances picantes, alguns dos quais francamente pornográficos, como a série *Bibliotheca Reservada* (1886), a *Bibliotheca Picante* (1887), a *Bibliotheca Secreta* (1888) (Figura 3), a *Bibliotheca de Venus...* (1891), a *Bibliotheca Recreativa* (1893), *Nu e Cru...: Collecção de Contos Sensuaes* (1893), a série *Mil e Uma Noutes de Amor* (1895), a *Bibliotheca Amorosa* (1896), a *Collecção Galante de Contos Frescos* (1896), a *Bibliotheca de Cupido* (1897), a *Bibliotheca do Sensualismo* (1900), a *Collecção Ardente* (190?), a *Collecção Alegre* (190?), a *Bibliotheca Elegante* (1909), a série *Contos Galantes* (1913), a *Collecção Garota* (1914), a *Collecção de Fogo* (191?), para só citar algumas dessas séries que conseguimos identificar até a data, sem falar das coleções de fados brejeiros ou de almanaques pornográficos como *A minhoca* (1893) ou *A racha* (1897) (Figura 4), uma tipologia particular de “Leitura para homens” à qual o *Almanack caralhal*, publicado em 1860, veio abrir caminho.

Figura 3



Fonte: *Os devassos de Lisboa* (Anónimo, 1886)

Figura 4



Fonte: *A racha* (Anónimo, 1903)

À medida que essas coleções e romances ganhavam em visibilidade, alguns intelectuais começaram a escrever contra tais “infâmias” sem que, no entanto, fossem aplicadas medidas para jugular tanto a venda quanto a produção delas:

Atualmente, anda por aí o mercado a abarrotar dessas infâmias. São os almanaques onde se debitam, por baixo de gravuras pulhas, velhas anedotas de frades, de estudantes e de soldados, ressendendo à torpeza grossa dos quartéis. São as reedições de velhos livros libidinosos, como os *Serões do convento*, *a Martinhada*, e os sonetos obscenos de Bocage, que os editores anunciam pelos anteparos dos sumidouros, em pequenos cartazes, concitando os devassos a estesiarem os nervos mortos (Almeida, 1890, p. 311).

Nota-se que já nos finais do século XIX, e com mais pujança na primeira década do século XX, algumas dessas séries, como também alguns romances pornográficos, vinham ilustrados com estampas

ou fotografias de sexo explícito, razão pela qual continuavam a circular sem “o lugar de impressão, nem o nome do editor ou indicação da imprensa de que sai[am]” (Sampaio, 1898, p. 77).

Com a proclamação da República (1910), acontece um retrocesso tanto na visibilidade quanto na produção das “Leituras para homens”, por o governo civil de Lisboa estar mais ativo na repressão do comércio de obras lascivas. Nesse sentido, já que a licenciosidade é encarada como sinónimo de devassidão e de degeneração, existe um certo alinhamento entre os republicanos, ansiosos por regenerar a Pátria, e a direita católica, estimulada pelas ações da *Liga anti-pornográfica* francesa (Stora-Lamarre, 1990, p. 79-104). A diatribe do arauto da liga, *A desmoralização da juventude* (Pourésy, 1913), é traduzida pelo paladino português da luta contra a pornografia, Zuzarte de Mendonça. Com as aparições de Nossa Senhora de Fátima (1917), a vontade de “saneamento moral” (Mendonça, 1925, p. 55) por parte das forças de direita, mormente do Centro Católico Português (fundado em 1915), acelera.

Atacada, a produção local refluí, voltando, aliás, a entrar numa semiclandestinidadade patente no desaparecimento do local de impressão e/ou da editora nas obras mais explícitas na representação do sexo. Contudo, continuam a ser importadas obras e revistas francesas do género, e, no início dos anos vinte, o mercado português passa a ser literalmente invadido pela produção *sicalíptica* espanhola:

A novela espanhola de capa galante, em que a mulher é sempre um mistério de sentidos, invadiu Lisboa de alto a baixo.

Não há portada de ‘club’, venda de tabacos, quiosque de jornais, que não exteriorize essa literatura pornográfica [...] recomendada por títulos escandalosos e desenhos em que a arte se rebaixa a todas as ignomínias do nu.

É a novela-aberração, a novela-sexo, a novela-cocaína. As coleções abundam, com dizeres sonoros e vistosos:

‘*El festin de las sáficas*’.

‘*La vampiresa*’.

‘*Confessiones duna lesbiana*’.

‘Las voluptuosidades de Mary’.

‘Niñas bien de casas mal’.

Os temas das novelas estão em relação com os títulos. Não têm gradação literária, uma preocupação artística, (...) apenas casos, bizarras, cruamente pinceladas, em vertiginosas e estonteantes descrições, que, além de embotarem a moral, repugnam pela ascorosidade falsa de perversão que acusam.

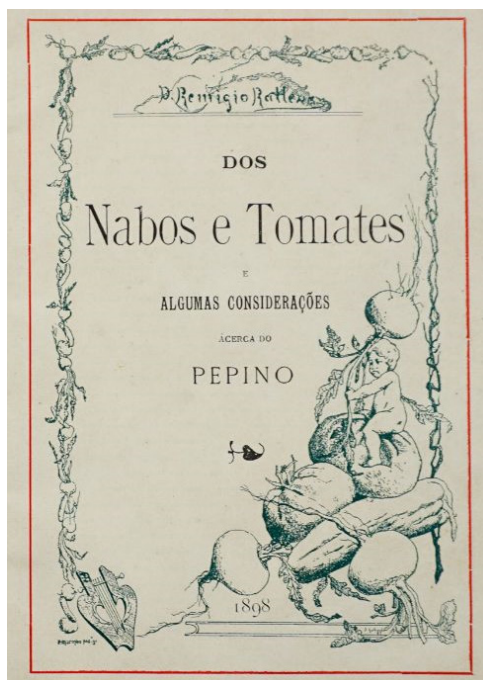
Esta literatura pantanosa (...) tem em Lisboa um mercado colossal (Literatura [...], 1925, p. 5).

O jornalista panfletário do Diário de Lisboa aponta expressamente três novelas de temática lésbica: *La vampiresa* (Pedro Morante, 1921), *Confesiones de una Lesbiana* (Pedro Morante, 1922), *El Festín de las sáficas* (Juan Caballero Soriano, 1924). Essa diatribe inscreve-se na senda do escândalo da “Literatura de Sodoma” quando foram apreendidos pelo governo civil de Lisboa os livros *Canções* (1922), de António Botto; *Decadência* (1923), de Judith Teixeira; e *Sodoma divinizada* (1923), de Raul Leal. Essa apreensão é um marco no que diz respeito à circulação, publicação, tradução e escrita de obras com teor lascivo em Portugal. De facto, a partir dessa data, a produção de literatura licenciosa portuguesa esmorece até desaparecer por completo a partir da instauração do Estado Novo (1933). Por isso, não é de estranhar que a última série portuguesa do género *A Caprichosa*, lançada em 1932, dando seguimento à *Colecção Côr de Rosa* (1931), reeditada em 1932, acabe logo a seguir à publicação do primeiro volume. Assim, como nos tempos da Inquisição, a literatura licenciosa, vernácula ou em tradução, voltava a entrar na clandestinidade e, com o tempo, no olvido.

Foi justamente para tirá-la do esquecimento que a escritora Natália Correia lançou a sua *Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica*, publicada em 1966. Porém, a poetisa compilou, na sua grande maioria, autores canónicos, e embora indicasse “exumar do cemitério das obras malditas grande parte das poesias que constituem o corpo d[*a sua*] antologia” (Correia, 2019, p. 76), deixou ficar de fora

dezenas de autores anónimos do século XIX e início do século XX. Até a poesia licenciosa impressa nos jornais satíricos e humorísticos de finais de Oitocentos e inícios de Novecentos, de fácil acesso na Biblioteca Nacional de Portugal, continuam à espera de serem exumados. Sendo assim, e porque a prezada antologia de Correia se tornou numa espécie de texto sagrado, continuamos sem saber nada das “Ejaculações sonetais” de Azor; das “poesias patuscas” de Chico Olhões; d’*Os nabos e dos tomates* de D. Remigio Ralleva (Fig. 6); das *Caralhadas* de D. Suardo; dos *Versos frescos* de Manuel; nem nada de obras como *A lyra de Vénus*, o *Cancioneiro de Cupido*, *O elogio à punheta*, para só citar algumas; nem do sem fim de autores como Rabelais, Petronius, Josinus, Py-Thon, Ramiro Acácio, Cilene, Tamerlão, Galeno Bisturi, Lucílio Fileno, Abril, Diabo Azul, Hortensius, Dr. Scalpello, Dr. Olharac, Dr. Sal e Pimenta, D. Hortência, Fra Angélico, L. Mano, El Chulo, Bulhões de Colhões, Cara de Caralho Júnior, Alphonse Démon, Buzina, Phydias ou Arsénio de Chatenay.

Figura 5



Fonte: *Dos nabos e dos tomates* (Ralleva, 1898)

Ora, no que tange ao erotismo em terras lusas, construiu-se uma verdadeira doxa cultural patente na introdução de Mega Ferreira à sua antologia *O erotismo na ficção portuguesa do século XX*:

Que a elíptica irrupção do cunnilingus (...) e o tom geral do romance (*O primo Basílio*), tenham sido um dos primeiros motivos de escândalo agitados contra o autor, ao mesmo tempo que a razão do seu enormíssimo sucesso comercial, evidencia bem quanto é pobre a expressão literária do erótico entre nós. O interdito de silêncio durante grande parte do século XX lançado sobre o chamado episódio da Ilha dos Amores, em *Os Lusíadas*, a sistemática redução do legado poético de Bocage à sua poesia ‘fescenina’, a diabolização de escritores como Raul Leal ou António Botto, são outras tantas demonstrações de impermeabilidade social e cultural à inscrição do erótico na literatura (Ferreira, 2005, p. 18).

No entanto, “a expressão literária do erótico” em Portugal não é, como pretende Mega Ferreira, “pobre”, como também a sociedade portuguesa não foi assim tão impermeável “à inscrição do erótico na literatura”, como assevera. Mas acontece que, em Portugal, continua a haver uma certa relutância em falar dos mistérios de Eros e de Afrodite, daí a rica e diversificada literatura licenciosa oitocentista e do início do século XX continuar à espera de quem lhes ressuscite a memória e o brilho apagados pelos anos cinzentos do salazarismo, uma censura moral e um silenciamento que nem o 25 de Abril conseguiu romper. Por isso, não é de estranhar que essa literatura marginal continue marginalizada e ignorada. Aliás, vale lembrar aqui que o próprio crítico e professor Arnaldo Saraiva, no seu ensaio *Literatura marginal(izada)* (1975), nunca menciona, nem em nota de rodapé, a literatura licenciosa, reiterando e perpetuando, assim, o apagamento e a rasura do Estado Novo no que diz respeito a uma literatura muito mais marginalizada do que as que o próprio contempla no seu ensaio. Se “a literatura portuguesa está cheia de pudor,

falsamente vitoriano”, como refere o escritor Baptista-Bastos numa entrevista (Francisco, 2010, s.p.), a crítica também.

Os raros estudiosos portugueses que se debruçaram sobre esses autores olvidados, como Maria Helena Santana que escreveu um artigo sobre Alfredo Gallis, perpetuam uma visão redutora do género. Pois, a pesquisadora considera que Gallis “não tem” “qualidade literária” (Santana, 2007, p. 240). Porém, o que considera como escória literária é de suma importância para os estudos LGBTQIAP+ aplicados ao caso português por Gallis ser um dos raros autores de finais de Oitocentos e início de Novecentos a ter escrito romances de temática lésbica, homossexual e *queer* com final feliz (Curopos, 2016, p. 82-96; p. 171-179), obras que nos permitem “recolher e produzir informação sobre os sujeitos que têm sido deliberada ou acidentalmente excluídos dos estudos tradicionais da atuação humana”⁷ (Halberstam, 1998, p. 13). Ao considerar as obras do autor como uma infra literatura, Santana não faz senão reproduzir o “pensamento *straight*” (Wittig, 2001) e reiterar a marginalização do género literário ao qual Gallis se dedicou quase por completo, sem que isso, na época, tivesse-lhe fechado as portas das revistas e jornais para os quais escreveu até a morte.

Ainda assim, o romancista não sofreu a radical *damnatio memoriae* de Arsénio de Chatenay: o primeiro aparece nas histórias da literatura portuguesa, o segundo nem sequer em nota de rodapé. Apesar de ter sido literalmente apagado da memória coletiva, Arsénio de Chatenay produziu uma obra extremamente singular no panorama da literatura europeia. Com efeito, o seu imaginário erótico nada tem de realista, nem naturalista ou decadentista, e os toques libertinos patentes na sua obra também fogem do modelo francês

⁷ Tradução nossa.

inicial. Às correntes literárias coevas e à tradição libertina, Chatenay prefere a “mistura adúltera de tudo” e a heterodoxia sexual, como no seu primeiro romance, *Os jogos lésbicos* (1877), no qual o autor encena o percurso de vida do hermafrodita Herculine Barbin, uma figura essencial para a teoria *queer*, recuperada tanto por Michel Foucault quanto por Judith Butler um século mais tarde.

Apesar da radicalidade e originalidade da sua obra no panorama literário oitocentista, os seus romances, como também outros clássicos da literatura licenciosa portuguesa, só foram recentemente reeditados, por uma chancela assumidamente LGBTQIAP+, a editora Index, a qual conseguiu construir, à revelia do mercado editorial e do mundo académico português, aquilo que se pode considerar um verdadeiro “contrarquivo”:

O *contrarquivo* (*counterarchive*) refere-se menos a um determinado lugar ou conteúdo arquivístico do que a uma prática estratégica ou a um estilo particular de constituir a legibilidade do arquivo. Menos uma entidade do que uma relação, o contrarquivo trabalha para desestabilizar essas ordens de conhecimento estabelecidas nos e pelos arquivos oficiais. Ao expor os investimentos libidinais que um determinado regime prefere manter fora do alcance, os arquivos pornográficos podem perturbar a narrativa dominante [...] (Dean, 2014, p. 11)⁸.

Porém, até a data, nenhum crítico literário ou académico português escreveu sobre o valioso trabalho editorial da Index, com dez anos de existência, nem sobre as obras reeditadas, o que só vem demonstrar a falta de interesse por elas e perpetuar os mecanismos de marginalização e apagamento aos quais sempre estiveram votadas. As obras e séries mencionadas no presente artigo ou sobre as

⁸ Tradução nossa.

quais temos vindo a trabalhar⁹ pertencem ao património cultural e literário português, mas a própria Biblioteca Nacional não teve, até agora, o cuidado de as salvaguardar, nem de construir uma coleção de literatura licenciosa nem de valorizar as obras do género do seu acervo. Embora esse material, que temos vindo a exumar (Curopos, 2019), constitua um valioso arquivo para entender a história da vida privada dos portugueses e das portuguesas, dos mecanismos de censura e de revolta contra eles, permanece invisível e ainda por estudar, pelo menos em Portugal. Com efeito, no domínio da história da literatura portuguesa, continua a imperar a “narrativa dominante” de que “[...] é pobre a expressão literária do erótico” (Ferreira, 2005, p. 18). Contudo, o panorama que acabamos de esboçar demonstra quão rica ela foi.

RECEBIDO: 28/03/2023 APROVADO: 21/04/2023

REFERÊNCIAS

- ANÓNIMO. *Os devassos de Lisboa. Primeira parte: Misérias da burguezia*, Lisboa, s.n. [Empresa 20, rua dos Douradores], s.d. [1886].
- ANÓNIMO. *A Racha*. Lisboa: Typographia de F. Silva, 1903.
- ALMEIDA Fialho d'. *Pasquinadas*. (Jornal dum Vagabundo). Porto: Livraria Civilização, 1890.
- BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Poesias eróticas, burlescas e satíricas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2017.
- CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CHAGAS, Pinheiro. Duas palavras do tradutor. In: BELOT, Adolphe. *Amigas e Peccadoras*. Lisboa: Paulo Plantier Editores, 1874.
- CHATENAY, Arsénio de. *Os jogos lésbicos*. Porto: Typographia Nacional, 1877.

⁹ Por falta de espaço não indicamos essa produção, mas encontra-se publicada em revistas académicas de fácil acesso.

- CHATENAY, Arsénio de. *Os jogos lésbicos ou os amores de Joaninha*. Lisboa: Index, 2022.
- CORREIA, Natália. *Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica*. Lisboa: Ponto de Fuga, 2019.
- CUROPOS, Fernando; LUGARINHO, Mário; MAIA, Helder. Literatura à mão: Os Serões do Convento. *Moderna språk*, v. 112, n. 2, p. 21-35, 2018.
- CUROPOS, Fernando. *L'émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)*. Paris: L'Harmattan, 2016.
- CUROPOS, Fernando. *Versos Fanchonos, Prosa Fressureira: Uma Antologia (1860-1910)*. Lisboa: Index, 2019.
- CUROPOS, Fernando. Arsénio de Chatenay e seus mistérios. In: CHATENAY, Arsénio de. *Os mistérios do Asfodelo*. Lisboa: Index, p. V-XXX, 2020.
- CUROPOS, Fernando. O Sr. Ganimedes ou a Lisboa das ruas de trás. In: GALLIS, Alfredo. *O Sr. Ganimedes*. Lisboa: Index, p. 7-49, 2022.
- DEAN, Tim. Pornography, technology, archive. In: DEAN, Tim; RUSZCZYCHY; SQUIRES, David (editors). *Porn Archive*. Durham and London: Duke University Press, p. 1-26, 2014.
- DIAS, Simão. *Hóstia de Ouro*. Elvas: Editor Manoel d'Araújo e Silva, 1869.
- FERREIRA, António Mega. *O erotismo na ficção portuguesa do século XX*. Lisboa: Texto Editores, 2005.
- FIDLEN, Paula. Humanism, politics and pornography in Renaissance Italy. In: HUNT, Lynn. *The Invention of Pornography*. Zone Books: New-York, p. 49-108, 1996.
- FRANCISCO, Luís. Andamos a escrever mais sobre sexo, mas será que temos jeito? *Público*, 10 fev. 2010. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/02/10/culturaipsilon/noticia/andamos-a-escrever-mais-sobre-sexo-mas-sera-que-temos-jeito-250369> . Acesso em: 06 ago. 2022.
- HALBERSTAM, Judith. *Female Masculinity*. Durham and London: Duke University Press, 1998.
- HUNT, Lynn. *The Invention of Pornography*. Zone Books: New-York, 1996.
- LITERATURA dissolvente. *Diário de Lisboa*, p. 5, 26 set. 1925.

LOBATO, Gervásio. *Chronica occidental, O Occidente*, v. IX, n. 266, p. 105-106, 11 de maio de 1886.

MARQUES, Maria Adelaide Salvador. *A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional: Aspectos da Geografia Cultural Portuguesa no Século XVIII, Separata do Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. XXVI, p. 118-206, 1963.

MENDONÇA, Zuzarte de. *Para uma sociedade melhor*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, 1925.

O POVO de Aveiro, 21 dezembro 1890, p. 4.

PINA, Mariano. *Chronica, A Ilustração*, Paris, v. IV, n. 19, p. 290-291, 5 de outubro de 1887.

PIRES, Daniel. Estudo introdutório. In: BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. *Poesias eróticas, burlescas e satíricas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 5-39, 2017.

POURÉSY, Émile. *A desmoralização da juventude*. Trad. Zuzarte de Mendonça. Lisboa: Almeida & Miranda, [1913].

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Lisboa: Temas e Debates, 2001.

RAMOS, Rui. Culturas da alfabetização e culturas do analfabetismo em Portugal: uma introdução à História da Alfabetização no Portugal contemporâneo. *Análise Social*, v. XXIV, p. 1067-1145, 1988.

RALLEVA, Remigio (Artur Alberto de Avelar). *Dos nabos e dos tomates*. Lisboa: Libânio da Silva, 1898.

SAMPAIO, Bruno. *O Brazil mental*. Esboço Crítico. Porto: Livraria Chardron, 1898.

SANTANA, Maria Helena. Pornografia no fim do século: os romances de Alfredo Gallis, *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n. 12, p. 235-248, 2007.

SARAIVA, Arnaldo. *Literatura marigal(izada)*. Porto: Edições Árvore, 1975.

SOUTO-MAIOR, Caetano José da Silva. *A Martinhada*. (Lisboa): Typ. Dos Amores, 1849.

STORA-LAMARRE, Annie. *L'Enfer de la III^e République*. Paris: Éditions Imago, 1990.

VENTURA, António. A literatura licenciosa em Portugal no tempo de Bocage. In: REIS, Maria de Fátima (coord.). *Rumos e Escrita da História*. Lisboa: Edições Colibri, p. 71-81, 2007.

WITTIG, Monique. *La Pensée straight*. Paris: Balland, 2001.

MINICURRÍCULO

FERNANDO CUROPOS é professor catedrático em estudos lusófonos na universidade Sorbonne Nouvelle onde dirige o Centre de Recherche sur les Pays Lusophones – CREPAL. A sua pesquisa tem incidido sobre questões de género e sexualidade na literatura portuguesa (s. XIX-XXI) e sobre temas queer tanto na literatura quanto no cinema português. Tem vindo a reeditar obras licenciosas portuguesas na editora Index.